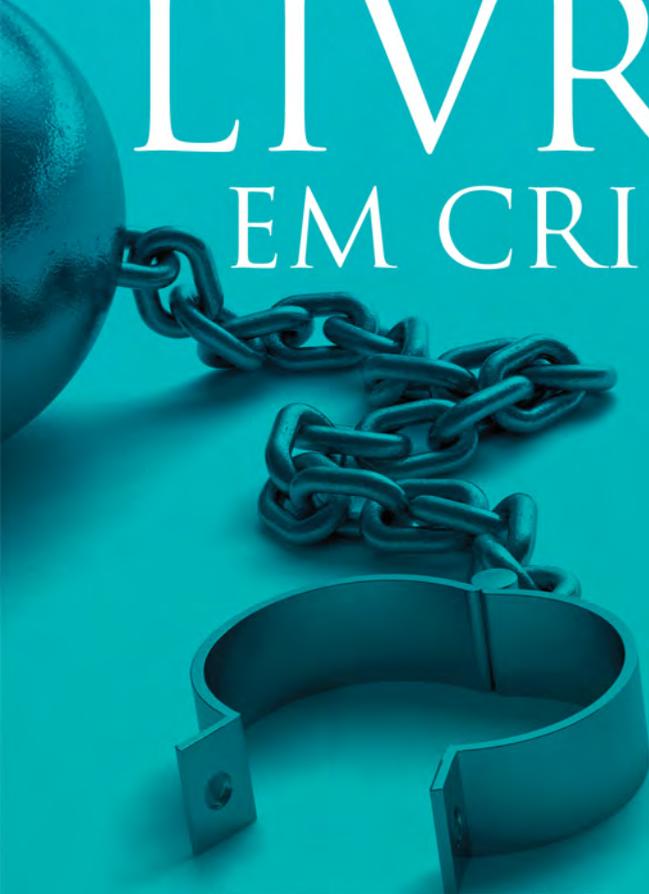


AUGUSTUS NICODEMUS

LIVRES EM CRISTO



A MENSAGEM DE GÁLATAS
PARA A IGREJA DE HOJE


VIDA NOVA

Augustus Nicodemus é uma das mentes mais lúcidas de nosso país. Conjuga conhecimento e experiência, erudição e piedade, profundidade teológica e clareza de comunicação. Agora entrega aos leitores mais uma obra de vital importância para a igreja. Livres em Cristo: a mensagem de Gálatas para a igreja de hoje é um trabalho que traz à lume fidelidade exegética e consistentes aplicações práticas. É obra indispensável a todos que desejam mergulhar nessa importante epístola escrita pelo apóstolo Paulo. O conteúdo desse livro alimenta a mente e aquece o coração. Que Deus seja exaltado por mais essa preciosa contribuição do reverendo Augustus Nicodemus!

HERNANDES DIAS LOPES, pastor presbiteriano, conferencista e escritor

Nesse comentário bíblico — escrito com a habitual competência, precisão e paixão pelo pastor presbiteriano Augustus Nicodemus Lopes —, o leitor ouvirá, mais uma vez e de forma sempre atual, a ênfase apostólica de que a livre graça de Deus é recebida pela fé somente e a exortação a que os féis vivam na liberdade comprada por Cristo, produzindo o fruto do Espírito Santo. Essa obra é mais do que recomendada, em especial pela ênfase do autor: “A morte de Cristo na cruz, como caminho da salvação e clímax da revelação de Deus e da obra redentora de Cristo Jesus, deve ser o centro da mensagem e da vida da igreja”.

FRANKLIN FERREIRA, diretor geral e professor de Teologia Sistemática e História da Igreja no Seminário Martin Bucer, São José dos Campos, SP.

Nesse comentário expositivo de Gálatas, Augustus Nicodemus mostra a grande verdade a respeito dos escritos da Bíblia: revelados em circunstâncias específicas (tempo e lugar), porém veiculando uma mensagem para todos os tempos e todos os lugares! Mesmo que Paulo tenha escrito às igrejas na região da Galácia, seu ensino aplica-se aos nossos dias e à situação do povo evangélico em nosso país. Como lhe é peculiar, Augustus expõe as passagens bíblicas de maneira didática e simples, segundo o texto da própria carta. Cada seção do texto bíblico é explicada de maneira ampla e com detalhes para logo em seguida ser aplicada de maneira realista e enfática. Se você quer entender a mensagem de Paulo aos gálatas, esse é o livro!

MAURO MEISTER, professor e presidente do Conselho de Educação Cristã e Publicações da Igreja Presbiteriana do Brasil

SUMÁRIO

Prefácio	7
Introdução	9
CAPÍTULO 1	
A mensagem de Paulo.....	17
CAPÍTULO 2	
A origem do evangelho.....	27
CAPÍTULO 3	
A defesa do ministério de Paulo	47
CAPÍTULO 4	
O evangelho da graça.....	69
CAPÍTULO 5	
A justificação pela fé	93
CAPÍTULO 6	
A união com Cristo.....	107
CAPÍTULO 7	
A insensatez dos gálatas.....	127
CAPÍTULO 8	
A experiência de Abraão	143
CAPÍTULO 9	
A Lei não salva.....	157

CAPÍTULO 10	
Graça e fé.....	175
CAPÍTULO 11	
A superioridade do evangelho	193
CAPÍTULO 12	
Sara e Agar.....	211
CAPÍTULO 13	
Cair da graça.....	227
CAPÍTULO 14	
Guiados pelo Espírito.....	243
CAPÍTULO 15	
Como restaurar um irmão	259
CAPÍTULO 16	
Semeadura e colheita.....	277
CAPÍTULO 17	
As verdadeiras marcas de Cristo	293
Considerações finais	311

PREFÁCIO

Poucos assuntos são tão relevantes e necessários para nossos dias quanto a doutrina da justificação pela fé em Cristo. Apesar de a Reforma Protestante do século 16 ter esclarecido, de uma vez por todas, que ninguém é justificado pelas obras, mas somente pela graça de Deus, mediante a fé em Cristo, a tendência humana de justificar-se diante do Criador por méritos próprios continua presente no meio evangélico de nossos dias, sob muitas e diferentes formas.

A guarda de determinados dias, a realização de rituais, campanhas e promessas, a entrega obrigatória de dízimos e ofertas, os usos e costumes relacionados com vestuário, a obediência cega a sistemas hierárquicos e a reintrodução de práticas judaicas no culto cristão são apenas algumas das expressões modernas do antigo legalismo combatido com veemência pelo apóstolo Paulo em sua carta aos gálatas. A igreja evangélica no Brasil precisa urgentemente ouvir mais uma vez a mensagem dessa carta, para se livrar da escravidão imposta por falsos apóstolos e pastores, mestres desprovidos da verdade, que espreitam nossa liberdade em Cristo e introduzem regras e normas e rituais humanos no caminho da nossa salvação.

Os argumentos que Paulo escreveu em favor da justificação pela fé, sem as obras da lei, são tão atuais e

verdadeiros hoje quanto o foram para seus primeiros leitores em meados do primeiro século. O objetivo desta obra é, portanto, apresentar essa mensagem ao público brasileiro. Não se trata, rigorosamente falando, de um comentário exegético da epístola, embora, certamente, seu conteúdo seja o resultado de um trabalho de exegese e interpretativo da famosa carta de Paulo. O livro é resultado de uma série de exposições que fiz na Primeira Igreja Presbiteriana do Recife. As mensagens foram transcritas e editadas por Edições Vida Nova.

Minha oração é que seu conteúdo seja usado por Deus para libertar mentes e corações da escravidão do legalismo, mediante a abençoada doutrina da justificação somente pela fé em Cristo.

Rev. Dr. Augustus Nicodemus Lopes
Goiânia, setembro de 2015

INTRODUÇÃO

A crença de que podemos nos acercar a Deus e receber dele alguma coisa como recompensa por nossas obras e ações é tão antiga quanto o próprio homem. O conceito de salvação nas religiões em geral está comumente associado a um sistema de regras e rituais que exigem obediência para a vida e que proclamam a condenação dos desobedientes. A exceção é aquela religião — permitam-me chamá-la assim — revelada por Deus nas Escrituras do Antigo e do Novo Testamentos. Nela, a salvação é uma dádiva de Deus mediante o sacrifício de seu Filho Jesus Cristo, prefigurado no Antigo Testamento nos sacrifícios de animais, e realizado no Novo.

Ainda que Deus tenha revelado que o perdão de pecados é fruto de sua graça e amor, seu povo, a quem essa revelação foi dada, repetidas vezes ao longo de sua longa história transformou a graça de Deus quer em legalismo, o conceito de que a salvação dos pecados é obtida pela guarda da Lei dada a Moisés, quer em licenciosidade, a ideia de que a graça de Deus é tão grande que permite ao pecador salvo ainda viver deliberada e propositadamente na prática do pecado, sem conseqüências para sua salvação.

Da mesma forma que Deus levantou profetas para anunciar a perversão da sua graça pelos judeus do período

do Antigo Testamento, alguns legalistas e outros libertinos, ele levantou o apóstolo Paulo para combater essas duas tendências que também surgiam na igreja, logo em seu início. A luta de Paulo contra o legalismo de sua época está registrada em diversas cartas, mas se vê especialmente na que ele escreveu aos crentes da Galácia.

A clara exposição da doutrina da graça e a refutação do legalismo religioso torna a Carta aos Gálatas relevante para todas as pessoas de todas as épocas e culturas. O apóstolo Paulo escreveu essa carta aos cristãos da região da Galácia numa tentativa de evitar que eles aceitassem a mensagem de certos pregadores que queriam torná-los adeptos do judaísmo. Alguns missionários judeus que aparentemente haviam se convertido ao cristianismo estavam ensinando aos cristãos não judeus de diversas igrejas recém-fundadas por Paulo que eles precisavam se circuncidar e guardar a Lei de Moisés para serem aceitos por Deus. Os gálatas também tinham ouvido Paulo pregar o evangelho de Cristo e creram que a salvação dos pecados se dava mediante a fé em Jesus somente. Mas, então, apareceram esses outros pregadores ensinando a necessidade de acrescentar à fé em Cristo as obras da lei, sem as quais não poderiam ser, de fato, salvos.

Em outras palavras, a mensagem desses “missionários judaizantes” era que o homem necessita fazer alguma coisa — no caso, guardar a Lei — para poder receber o perdão de Deus e ser aceito por ele. Essa “religião das obras” encontra eco no coração do homem pecador e cego para seu estado de perdição. Nada lhe parece mais lógico e natural do que trabalhar e se esforçar para “pagar” por seus pecados e merecer a salvação. Os cristãos da

Galácia estavam prestes a aceitar essa mensagem sedutora quando Paulo lhes escreveu.

A carta é seguramente da pena do apóstolo — existe pouca ou nenhuma dúvida de sua autenticidade. Existem debates apenas quanto à data em que Paulo a escreveu. Aqui adotamos a posição de que foi escrita em meados dos anos 50, provavelmente durante a estada do autor na cidade de Éfeso (At 18.23; 19.1). Muito cedo na história da igreja sua mensagem já era conhecida e citada por pais da igreja, como Ireneu, Policarpo e Justino Mártir.

Os gálatas (Gl 1.2) eram habitantes de um distrito romano da Ásia Menor (correspondente à Turquia atual) que fazia fronteira com a Frígia, o Ponto, a Capadócia e a Bitínia. Paulo passou por aquela região no início da década de 50 durante sua segunda viagem missionária (At 16.6) e, tendo adoecido, ficou um tempo entre eles, ocasião em que lhes pregou o evangelho pela primeira vez (Gl 4.13; cf. 1.8). O apóstolo esteve uma segunda vez com eles quando provavelmente organizou as igrejas de toda aquela área (At 18.23).

Foi após a partida de Paulo da região que aqueles pregadores da Lei começaram a visitar as igrejas dali. A mensagem deles, conforme já mencionei, era que os crentes precisavam ir um passo além para poderem ser, de fato, salvos. Eles precisavam se circuncidar e guardar a Lei de Moisés, como os judeus faziam, adotar a dieta judaica — abster-se de sangue, carne de porco e muitos outros alimentos considerados impuros — e guardar as festas e datas do calendário judaico, especialmente o sábado. Segundo o que diziam esses pregadores, Paulo não havia ensinado isso aos gálatas porque era um falso

apóstolo. Também afirmavam que ele não estava no mesmo nível dos apóstolos originais, como Pedro, e havia deturpado o ensino original dos Doze.

Esses missionários vinham da Judeia (cf. At 15.1). Eram judeus que haviam acreditado que Jesus era o Messias prometido a Israel, contudo não viam a necessidade de abandonar os preceitos da Lei de Moisés. Mais ainda: pregavam que mesmo os não judeus que haviam crido em Cristo deveriam se tornar judeus pela circuncisão e então guardar toda a Lei. Estavam também mimando a autoridade de Paulo como apóstolo ao sugerir que ele estava fazendo jogo duplo, pois quando estava entre judeus pregava a circuncisão (Gl 5.11), mas quando estava entre os gentios dizia que isso não era necessário. Segundo eles, Paulo, na verdade, era uma pessoa que procurava agradar a todo mundo para se aproveitar financeiramente das pessoas (Gl 1.10).

As igrejas da Galácia estavam dando oportunidade para tais pregadores falarem e, mais que isso, estavam começando a acreditar na pregação deles. Alguns, ao tempo em que Paulo escreveu a carta, já haviam se deixado convencer por eles (Gl 1.6; 4.9,10; 5.7). Obras antigas, como o *Comentário sobre as Guerras Gálicas*, se referem aos moradores da Galácia como pessoas inconstantes, nas quais não se devia confiar, apesar de inteligentes, sinceras e impetuosas. Isso pode explicar por que tão depressa cristãos daquelas igrejas estavam mudando de opinião e aceitando a mensagem dos judaizantes. Paulo, porém, expressa profundo espanto por essa atitude (Gl 1.6). E, numa tentativa de impedir que a situação se agravasse, lhes escreve com urgência.

A Carta aos Gálatas foi escrita muito provavelmente depois de Paulo ter estado em Jerusalém para participar do concílio em que se discutiu de que maneira os crentes não judeus poderiam ingressar na igreja (At 15). A decisão do concílio foi que não se deveria impor a guarda da Lei de Moisés aos gentios que cressem. Essa resolução deveria ser então difundida por todas as igrejas da Síria, Cilícia e Antioquia, e Paulo foi um dos designados para levar a mensagem oficial redigida na ocasião (At 15.23-29). As similaridades entre Atos 15 (a narrativa do concílio em Jerusalém) e a descrição que Paulo faz de sua visita a Jerusalém em Gálatas 2 apontam para a correspondência desses fatos. Alguns, porém, estranham por que, então, Paulo não menciona a decisão do concílio de Jerusalém na Carta aos Gálatas, o que aparentemente teria reforçado seu posicionamento. Esse ponto é ainda hoje motivo de debate entre os estudiosos, havendo inclusive quem defenda que a carta foi escrita *antes* do concílio, razão pela qual o apóstolo não teria mencionado tão importante decisão. Contudo, Paulo pode ter evitado mencioná-la porque desejava que seus argumentos em prol da justificação pela fé fossem firmados sobre sua autoridade apostólica, não sobre a autoridade do concílio de Jerusalém. Lembremos que os falsos mestres buscavam desacreditá-lo como apóstolo.

Paulo tem vários objetivos na carta. O primeiro deles, evidentemente, é defender sua autoridade apostólica. A defesa era necessária não apenas por causa dos judaizantes, mas também porque a autoridade do evangelho que pregava dependia da plena aceitação de Paulo como verdadeiro apóstolo de Jesus Cristo. Ele descreve

como Jesus o chamou, soberanamente, quando ele ainda era um perseguidor da igreja, e o constituiu apóstolo, assim como havia feito a Pedro, João e os demais apóstolos. Sua autoridade, portanto, era a mesma dos Doze, a ponto de ele ter confrontado o próprio Pedro, quando este se tornou repreensível (Gl 1.10—2.21).

Outro objetivo da carta é combater o ensino dos judaizantes (Gl 3.1—4.31). Para Paulo, a mensagem deles anulava a graça de Deus e tornava a morte de Cristo na cruz irrelevante. Mais do que isso, os que seguissem o ensino deles caminhariam para a perdição, pois não poderia haver justificação de pecados mediante as obras da lei, mas somente pela fé em Jesus Cristo. Ou seja, para o apóstolo, a mensagem dos judaizantes não era apenas uma outra interpretação possível da obra de Cristo; antes, era uma negação direta dessa obra. Assim, Paulo expõe na carta, de maneira clara, veemente e persuasiva, o ensino de que a justificação de judeus e gentios ocorre mediante a fé em Cristo somente, não pelas obras da lei. Por fim, ele aproveita para exortar os cristãos da Galácia a ficarem firmes na fé em Cristo e a viver na liberdade do evangelho, no poder do Espírito (Gl 5.1—6.18).

A Carta aos Gálatas tem sido considerada pelos cristãos de todas as épocas uma das mais importantes missivas escritas por Paulo. Bastante similar à Carta aos Romanos, ela tem sido usada para defender a doutrina central do cristianismo. Lutero fez uso extenso dela em sua luta contra o catolicismo romano de seus dias, pois, embora o contexto original da carta tenha sido a controvérsia com os judaizantes, o que estava em jogo então é o que continua em jogo até hoje: De que forma o pecador pode ser aceito

por Deus e perdoados de seus pecados? A resposta gloriosa de Paulo é que o pecador é justificado gratuitamente pela fé em Cristo, sem as obras da lei. Foi assim que Lutero combateu a doutrina da salvação ensinada pelo romanismo de seus dias. E é dessa forma que continuamos, hoje, a anunciar aos pecadores o perdão de pecados em Cristo Jesus, mediante a fé, rejeitando qualquer sistema ou doutrina que acrescente a necessidade de obras humanas.

É isso que torna essa carta destinada àqueles cristãos da Galácia também relevante para todas as pessoas de todas as épocas e culturas: a necessidade de confrontar a ideia universal de que os seres humanos podem encontrar Deus e ser aceitos por ele com base em méritos próprios. Em nossos dias, mesmo dentro da cristandade, encontramos em diferentes versões esse conceito, quer sob a forma de uma piedade legalista, quer sob a forma da exigência descarada de dízimos, ofertas e sacrifícios vinculados à salvação, quer sob a capa de um fundamentalismo rígido e sem misericórdia, ou ainda sob a égide de experiências possíveis somente a uma “elite espiritual”. O cardápio é variado, mas o prato é o mesmo: o homem pode e deve contribuir de algum modo para sua salvação.

Foi contra essa ideia que o apóstolo Paulo se levantou. Para ele, acrescentar as obras da lei, ou quaisquer outras, à obra completa de Cristo realizada em sua morte e ressurreição era o mesmo que negá-lo e virar as costas para a graça de Deus. O evangelho dos “judaizantes”, mesmo com todo o seu linguajar judaico, piedoso e veterotestamentário, era “outro evangelho” (Gl 1.7) e deveria ser rejeitado. Somos libertos mediante a fé em Jesus Cristo. E nada mais.

A MENSAGEM DE PAULO

Gálatas 1.1-5

Paulo escreveu a Carta aos Gálatas com o objetivo de orientar as igrejas que ele havia fundado na região da Galácia. A integridade dessas igrejas estava sendo ameaçada por falsos mestres, que ensinavam um evangelho diferente daquele que Paulo havia pregado.

Abertura da carta

O apóstolo inicia a carta de acordo com o procedimento usual na redação das cartas da época. Ele se apresenta, identifica os destinatários — os cristãos da Galácia — e os saúda com votos de graça e paz. Analisemos então a abertura da carta:

Paulo, apóstolo, não da parte de homens, nem por meio de homem algum, mas por Jesus Cristo e por Deus Pai, que o ressuscitou dentre os mortos, e todos os irmãos que estão comigo, às igrejas da Galácia: Graça a vós e paz da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo, que se entregou a si mesmo pelos

nossos pecados, para nos livrar deste mundo mau, segundo a vontade de nosso Deus e Pai, a quem seja a glória para todo o sempre. Amém.

Paulo, apóstolo

Antes de tudo, Paulo se apresenta como “apóstolo”. Ele usa aqui o termo não em seu sentido mais básico e amplo, que é o de “enviado”, como se estivesse descrevendo sua função de missionário e plantador de igrejas, mas, sim, para designar seu ofício. Paulo está perfeitamente consciente de pertencer a um grupo restrito de homens que Jesus havia chamado. Esse grupo era formado pelos Doze, os quais o Senhor chamou durante seu ministério terreno, e pelo próprio Paulo, que foi chamado pelo Senhor glorificado quando este lhe apareceu no caminho de Damasco. A esses homens o Senhor deu a autoridade e a missão de lançar os fundamentos da igreja cristã e de edificá-la. Havia muitos “apóstolos” no sentido de enviados de igrejas locais, mas os Doze e Paulo eram uma categoria única e à parte.

No entanto, a autoridade de Paulo era sempre contestada. Os próprios cristãos questionavam se ele era de fato apóstolo, uma vez que sua convocação se dera após o grupo dos Doze estar formado. Assim, Paulo precisava muitas vezes defender seu ministério apostólico, pois os falsos mestres que se haviam infiltrado nas igrejas dos gálatas estavam se aproveitando exatamente disso. Eles tentavam minar a autoridade de Paulo sob a alegação de que ele não era um apóstolo verdadeiro, por não fazer parte do grupo dos Doze, não ter andado com Jesus e

por isso não ter sido convocado pelo Senhor durante seu ministério terreno.

Por isso, Paulo, depois de se apresentar como apóstolo, esclarece: “... não da parte de homens” (1.1). Ou seja, ele é verdadeiro apóstolo, não designado por alguma comissão de pessoas ou pela vontade humana. E acrescenta: “... nem por meio de homem algum” (1.1). Seu apostolado, além de não ter origem na vontade humana, não procede de qualquer personalidade. Paulo não obteve essa designação de algum patrono influente que o protegeu e o inseriu nesse ministério. Antes, como ele afirma, é apóstolo “por Jesus Cristo e por Deus Pai” (1.1). Isto é, seu ministério apostólico é tão verdadeiro quanto o dos Doze, porque foi recebido de Jesus Cristo e de Deus Pai.

A origem do apostolado de Paulo é a pessoa de Deus e a de seu Filho Jesus. E o apóstolo qualifica Deus como aquele que ressuscitou Jesus. Portanto, Paulo não foi enviado por um deus qualquer, e sim pelo Deus todo-poderoso, que no terceiro dia trouxe Jesus Cristo de volta do mundo dos mortos.

Já temos aqui a definição da missão principal de Paulo, pois a palavra “apóstolo” literalmente significa “enviado”. Uma pessoa é enviada com uma missão, com uma mensagem. Paulo foi enviado pelo mesmo Deus que ressuscitou Jesus Cristo dentre os mortos, portanto sua mensagem principal é que Cristo está vivo, é o Senhor e recebeu todo o poder no céu e na terra.

No versículo seguinte, antes de especificar a quem a carta é dirigida, Paulo revela que não está sozinho. Ele menciona “todos os irmãos que estão comigo”. Algumas traduções da Bíblia, como a Almeida Revista e Atualizada

Este comentário da Carta aos Gálatas é dirigido especialmente à situação das igrejas evangélicas no Brasil. Existem muitos outros comentários dessa importante carta, fruto de pesquisas detalhadas e exaustivas, reunidas de forma magistral em volumes considerados clássicos. Mas o que torna esta obra única é o fato de que ela é o resultado de exposições bíblicas voltadas para o público brasileiro contemporâneo, o qual, em muitos sentidos, se parece bastante com os destinatários da carta de Paulo.

Capítulo por capítulo, esta obra expõe os argumentos que o apóstolo Paulo dirigiu aos cristãos da Galácia, mostrando como esses argumentos se aplicam diretamente à situação em que a igreja evangélica brasileira se encontra hoje. Paulo combateu em sua carta a mensagem de missionários judeus que se diziam cristãos e ensinavam que a salvação não se dava somente pela fé em Cristo Jesus, mas também pela obediência à Lei de Moisés, especialmente pela circuncisão, a guarda do sábado e a observância da dieta religiosa dos judeus.

Hoje enfrentamos mensagem semelhante, defendida e disseminada pelos chamados judeus messiânicos e por pseudoapóstolos, os quais reintroduzem as cerimônias judaicas no culto cristão e obrigam os crentes em Cristo a se sujeitar à mesma Lei a que o Senhor deu pleno cumprimento na sua morte e ressurreição. Seitas neopentecostais constroem uma réplica do Templo de Salomão, falsos apóstolos adentram a arca como parte do culto, vestem-se como rabinos e ensinam preceitos já abolidos em Cristo Jesus.

Nossa oração é que *Livres em Cristo: a mensagem de Gálatas para a igreja de hoje* seja útil aos crentes brasileiros que desejam permanecer firmes na graça de Deus e na obra completa e suficiente de Jesus Cristo para nossa salvação.